

Blogs como ferramentas de socialização e de inclusão para as PNEs

Pesquisadores: Prof. Dra. Sandra Portella Montardo e Profa. Liliana M. Passerino

Instituições executoras: PGIE/UFRGS e Centro Universitário Feevale

Problema de pesquisa

De que forma a interação social estabelecida em blogs pode promover a inclusão social através de reposicionamentos de PNEs e familiares?

Objetivo

Identificar e analisar alternativas de socialização e inclusão de PNEs através de blogs.

Objetivos Específicos

- Identificar as principais necessidades especiais que procuram por meio do uso de blogs maneiras de se comunicar, socializar e incluir;
- Identificar tanto PNEs como familiares de PNEs que utilizam os blogs;
- Analisar como essa ferramenta é utilizada pelos dois tipos de usuários e os efeitos provocados na sua socialização;
- Identificar os principais problemas de acessibilidade que os blogs apresentam para os PNEs.

Justificativa

O uso de ferramentas de comunicação no processo de socialização, notadamente, as do tipo digital, tem sido objeto de pesquisa em diversas áreas do conhecimento. O caráter gratuito e de fácil configuração e navegabilidade dos blogs tem sido destacado quanto ao potencial de comunicação e de socialização que representam. No entanto, não consta que estudos deste tipo tenham sido elaborados para pensar a inclusão social de Pessoas com Necessidades Especiais (PNEs) neste âmbito. Cabe destacar que, junto aos PNEs, os weblogs podem não só atenuar dificuldades de comunicação inerentes a determinadas necessidades especiais, mas, até mesmo, possibilitar sua socialização.

Este estudo se justifica pela popularização de iniciativas em termos de acessibilidade, apoiadas pela legislação brasileira. Embora a inclusão social esteja na agenda dos debates internacionais e nacionais desde a década de 1960, principalmente a partir dos movimentos sociais, já havendo recomendações e legislações que contemplem esta temática, ainda não há processos sistemáticos e

institucionalizados com a finalidade de produção de ciência e tecnologia nesta área, cuja natureza é marcadamente interdisciplinar.

5. Referencial teórico

5.1. Blogs: O que são e números na atualidade

Web logs ou blogs¹, na sua versão abreviada, são ferramentas de fácil atualização em web sites em HTML², que se baseiam no sistema de microconteúdos e e na atualização quase que diária dos mesmos. De acordo com Shittine (2004), seu acesso pode ser restrito apenas aos seus criadores, como também, serem compartilhados com um grupo de amigos para permitir as trocas de vivências e opiniões, ou para o público em geral.

Em janeiro de 2006, o Technorati³ contabilizou 27,2 milhões de blogs, além de sinalizar que a blogosfera⁴ dobra de tamanho a cada cinco meses e meio, conforme Dave Sifry (2006, internet). Sifry (2006, internet) ainda comenta que se verificou que 75 mil novos blogs são criados por dia, enquanto que 13,7 milhões de blogueiros continuam atualizando-os durante dos três meses após a sua criação. Em abril de 2006, o Technorati contabiliza 33,7 milhões de blogs. Ainda em seu relatório sobre o Estado da Blogosfera, Sifry (2006) aponta que 50.000 posts são feitos a cada hora.

De acordo com Pinto (2002), essas páginas da Web podem ser criadas automaticamente por um sistema pré-definido em algum servidor. O mais popular servidor é o Blogger⁵, que foi adquirido pelo Google em 2004. O primeiro passo é criar sua conta nos sistema e, a partir da formatação escolhida para o blog basta começar a escrever os textos e selecionar imagens desejadas para a publicação (*posts*).

São partes constituintes de um blog: os posts, data e hora em que eles foram feitos, os comentários. “Cada mensagem enviada é apresentada na página como a entrada de um diário, com a data e a hora em que foi postada. Cada uma dessas entradas chama-se post. Em geral, postos são apresentados na ordem inversa à que foram enviados, ou seja, o primeiro post da página é geralmente o mais recente (isto pode ser mudado pelo dono do blog)” (PINTO, 2002, p. 23). Nos posts, é possível disponibilizar *links* para qualquer outra página se for conveniente.

Logo abaixo do post, há um *link* em que os visitantes do site podem deixar o seu comentário a respeito do que foi postado. O dono do blog também pode comentar o comentário nesse link. Os blogs apresentam um sistema de arquivamento dos posts mais antigos, que são facilmente acessíveis, disponibilizados por meio de links nos títulos dos posts. Há também o *trackback*, que é um mecanismo

¹ Web se refere à rede, no sentido de entrelaçamento, navegação na Internet, e log, a registro e conexão. O programador Peter Merholz foi o primeiro a abreviar web log para blog, segundo Thompson (2006, internet).

² HTML – Hypertext Markup Language, linguagem em que se baseia boa parte da programação de web sites para a Internet.

³ Disponível em <http://www.technorati.com>.

⁴ Blogosfera se refere a tudo que circula no mundo dos blogs.

⁵ Disponível em <http://www.blogger.com> ou <http://www.blogspot.com>

usado nos blogs para apresentar uma lista de posts de outros blogs que tenham alguma relação com o assunto.

5.2. Histórico e concepções

De acordo com Thompson (2006, internet), o primeiro blog, Links.net, foi criado pelo estudante Justin Hall. Blood (2000, internet) indica que Hall mostrava aspectos de sua vida privada em seu blog. Segundo Blood (2000, internet), em sua origem, os blogs eram filtros de conteúdo na Internet, consistindo em links e dicas sobre web sites pouco conhecidos, assim como veículo de comentários a respeito de assuntos diversos. Ou seja, desde o seu início, os blogs tiveram as funções paralelas de expressar sentimentos e opiniões de seus donos pela internet, além de dicas referentes à própria Internet.

Blood (2000, internet) informa que, até 1999, o crescimento do número de blogs não cresceu significativamente devido à limitação de quem não tinha conhecimentos de programar em HTML não poder criar um. Foi nesse ano que Pitas⁶, a primeira ferramenta de criação de blogs foi criada. Além dessa, foram lançados também Pyra⁷, mais tarde, o Blogger, e Groksoup⁸. Ainda em 1999, Dave Winer apresenta Edit this page⁹ e Jeff Campbell o Velocinews. A autora (2000, internet) ainda ressalta que todas essas ferramentas eram gratuitas e destinavam-se a habilitar não programadores a ter sua própria página na Internet de maneira fácil e rápida.

Segundo Schittine (2004), o fenômeno dos blogs no Brasil ganha destaque no ano de 2000. Recuero (2002) aponta que blogs são versões mais dinâmicas que os web sites pessoais e que recebem as mesmas críticas destes últimos, em termos de experiências de publicações amadoras, que muitas vezes se convertem em produtos narcisísticos e exibicionistas. Quanto aos conteúdos dos blogs, Recuero (2002) propõe a seguinte classificação a partir de um estudo empírico:

- a) **Diário Eletrônicos** – trazem pensamentos e fatos da vida pessoal do autor, servindo como seu canal de expressão.
- b) **Publicações Eletrônicas** – voltados predominantemente para a informação com notícias, dicas e comentários sobre determinados assuntos, baseados no tema do blog. Ex: cultura pop, música, tecnologia, esportes, etc.
- c) **Publicações Mistas** – misturam *posts* pessoais sobre a vida do autor e *posts* informativos e opinativos a respeito de assuntos do gosto do autor.

Como se vê, o blog é uma ferramenta bastante usual. Criar um blog é uma atividade simples e de certa forma corriqueira e seus usos são diversos de acordo com a finalidade e objetivo do criador do

⁶ Disponível em <http://www.pitas.com>

⁷ Disponível em <http://www.pyra.com>

Disponível em <http://www.groksoup.com/>

⁹ Disponível em <http://www.editthispage.com>

blog. Essas ferramentas, inspiradas nos diários tradicionais e nos registros de campo dos pesquisadores etnográficos tornaram-se importantes no processo de construção da subjetividade do “outro” virtual (SHITTINE, 2004).

A autora (2004) ainda indica que a passagem do diário no papel para a internet requer o redimensionamento de algumas questões envolvidas no ato de escrever, tais como: a memória (imortalidade e permanência), o segredo (o contar ou não a intimidade para um desconhecido), a tensão entre o espaço público e o privado (que vai aumentar com a passagem para a Internet) e a relação com o romance (ficção) e com o jornalismo (a observação dos fatos).

Os três últimos pontos são os que interessam a nossa abordagem. A autora (2004) propõe que o blog desafia a fronteira entre o público e o privado. Isso porque as funções de “autor” e “leitor” estariam misturadas, uma vez que é possível que um leitor escreva no blog lido. No entanto, é válido ressaltar que há áreas específicas para que um e outro escreva. Com isso, acredita-se que esse não seja um problema.

Quanto ao ato de escrever em um blog, Shittine (2004) destaca que se torna possível se expor sem se identificar. Além disso, escrever em um blog proporciona uma escuta terapêutica, uma vez que o escritor pode receber feedbacks com distância e após um certo espaço de tempo.

Para Zabalza (2004), escrever um diário é como dialogar consigo mesmo, racionalizar uma jornada sobre todos os acontecimentos relevantes, “... *uma forma de descarregar tensões internas acumuladas, de reconstruir mentalmente a atividade de todo o dia, de dar sentido para mim ao que Maslow (1976) denomina de uma ‘densa experiência’*” (grifo do autor, p. 9)

A função do diário adquire relevância ao apresentar por um lado, as vivências do cotidiano e por outro, a evolução de tais vivências e da nossa atuação nesse processo. Essa dupla dimensão refere-se à dimensão sincrônica e diacrônica¹⁰ a partir das quais surge a *consciência da ação* e a *informação analítica* sobre essa ação. Desta forma, o blog como ferramenta para apoio à reflexão permite uma conscientização do nosso cotidiano e é, ao mesmo tempo, uma ferramenta de aprendizagem pela reflexão (Emig, 1977, apud ZABALZA, 2004)

O que caracteriza um blog não é o registro diário, mas sua **periodicidade ou sistematicidade** de postagens. Um outro aspecto importante, é que os diários são narrações nas que o seu conteúdo pode ser de qualquer espécie. Zabalza(2004) classifica o conteúdo como sendo:

- **jornalístico**: quando é basicamente descritivo com características próprias do jornalismo
- **analítico**: a narração é orientada para determinados itens que são destacados e servem com guia para a construção do diário

¹⁰ Estes termos foram introduzidos originariamente por Saussure na lingüística e usados depois em outras áreas. Designam o eixo da simultaneidade (sincrônico) e das sucessões (diacrônico) no qual é possível considerar apenas uma coisa por vez, mas onde estão situadas todas as coisas do primeiro eixo com suas mudanças. A dimensão sincrônica constitui o sistema ou estrutura enquanto que a dimensão diacrônica é o conjunto de variações sofridas pelo sistema sob a ação de eventos externos ao mesmo (Abbagnano, 1998)

- **avaliativo:** em geral neste tipo de conteúdo, o autor toma posicionamento nas suas colocações realizando um processo avaliativo (próprio, do processo, dos alunos, do contexto, etc.)
- **etnográfico:** o conteúdo e o sentido da narração levam em conta todos os aspectos do grupo social (contextos físico, social e cultural) em que ocorrem os fatos
- **terapêutico:** o conteúdo serve mais como uma forma de descontrair as tensões do dia-a-dia
- **reflexivo:** neste item, o conteúdo é um “dialogar-consigo-mesmo” sobre os fatos e acontecimentos registrados
- **introspectivo:** o conteúdo do diário é voltado fundamentalmente sobre o próprio sujeito (sentimentos, vivências)
- **criativo e poético:** o conteúdo não reflete apenas a realidade, pois o autor lança mão de recursos literários (com poesias, provérbios, metáforas, etc.) para se expressar.

Evidentemente, um blog pode ser de qualquer tipo e até misturar os estilos, pois depende da criação do sujeito, do seu processo de reflexão e dos comentários de quem acessa o blog. Neste sentido, os blogs permitem o desenvolvimento de pesquisa âmbitos diferenciados:

- **mundo pessoal;**
- **desenvolvimento profissional;**

Nos dois casos, o sentido dos textos postados podem ser analisados das perspectivas de explicitação dos próprios dilemas e reajustes dos processos.

Com relação à explicitação dos próprios dilemas, o uso do blog pode ser eficaz na *tomada de consciência* dos mesmos e na busca concreta de soluções, seja pelo compartilhamento dos mesmos, seja pela auto-reflexão daí decorrente.

Mas os blogs não são apenas instrumentos de reflexão e de conscientização do cotidiano, podem ser excelentes ferramentas de avaliação dos seguintes tipos: de auto-avaliação; de avaliação do grupo; de avaliação do processo de transformação, decorrentes de duas competências básicas: **reflexão e escrita analítica-sintética.**

Por outro lado, devido ao fato do blog ser uma ferramenta computacional que possibilita *feedback* imediato e permanente, para compartilhamento de crenças e vivências, as questões relativas à interatividade e interação se faz presente nesta pesquisa.

Para que se compreenda de maneira ampla a função de socialização dos blogs, é preciso que se aborde o conceito de interatividade, aspecto fundamental da vida social contemporânea em sua interseção com a tecnologia.

Lemos (1997) lembra que o conceito de interatividade, até pouco tempo, resumia-se ao seu aspecto técnico, de cunho eletrônico-digital, em oposição à interação analógica que caracteriza os meios de comunicação tradicionais. Na medida em que o cotidiano está imerso em situações de interatividade (caixa eletrônico, celular, videogames interativos, televisão interativa, cinema interativo, etc.) envolvendo máquinas e seres humanos, convém que se delimite a acepção do termo interatividade como uma ação dialógica entre homem e a técnica.

O autor (1997, internet) faz notar que a técnica (ferramenta, objeto ou máquina) sempre foi inerente ao social. Ou seja, o surgimento de cada técnica e os usos que a mesma vem a experimentar devem ser considerados em um contexto determinado. Por esse motivo, a abordagem da interatividade, permitida pelas novas tecnologias de comunicação e informação, deve ser compreendida através da sinergia entre o homem e a técnica. Nesse sentido, sobre os novos meios de comunicação e a interatividade proporcionada por eles, Lemos (1997) propõe:

Os novos *media*, como Internet por exemplo, permitem a comunicação individualizada, personalizada e, além do mais, bidirecional e em tempo real. Com os novos media, a 'edição' não é mais uma norma, e todos podem participar na produção e circulação da informação. O argumento, ou o discurso, da 'comunicação interativa' pode ser dificilmente contornado com um discurso da 'informação centralizada distribuída', que caracterizou a cultura de massa e do espetáculo do século XX. Isso sem falar nas mudanças estruturais de produção e distribuição da informação causadas pela tecnologia digital nos jornais, nas emissoras de televisão, no rádio, nas revistas, etc. A tecnologia digital proporciona assim uma dupla ruptura: no modo de conceber a informação (produção por processos microeletrônicos) e no modo de difundir as informações (modelo 'todos-todos'). (LEMOS, 1997, Internet)

Lemos (1997, internet) propõe que a interatividade digital é um tipo de relação tecno-social, consistindo no diálogo entre homens e máquinas (baseadas no princípio da microeletrônica), cujo contato é permitido por 'interfaces gráficas', em tempo real. Com a tecnologia digital, o usuário pode interagir não só com o objeto (a máquina ou a ferramenta), mas também com a informação, com o conteúdo, seja da televisão interativa digital, seja com os ícones das interfaces gráficas dos microcomputadores.

Essa característica da interatividade digital, de permitir a interação com a informação ("cuja forma física escapa à nossa escala de percepção", segundo Manzine, apud Lemos, 1997, internet) e não apenas com o suporte técnico, tende a afetar de maneira substancial as relações entre sujeito e objeto na contemporaneidade.

Pode-se dizer que são as interfaces gráficas meios (*hardware* e *software*) pelos quais se dá à interatividade entre os homens e máquinas digitais. O aperfeiçoamento das interfaces gráficas pode ser flagrado na variedade de formas possíveis de execução de funções em determinados suportes técnicos (internet, celular, caixa automático, centrais telefônicas, etc.) e também nas condições cada vez mais fáceis de navegabilidade nos mesmos. Finalmente, pode-se dizer que a vocação da interface é

“traduzir, articular espaços, colocar em comunicação duas realidades diferentes” (Bairon, 1995, apud LEMOS, 1997, Internet). A realidade virtual é um extremo desse processo.

Woodard (1994, p. 32) lembra que entender a mídia interativa significa, antes de tudo, pressupor o sistema digital, a fibra ótica, a multimídia, o cd-rom, o vídeo interativo e a realidade virtual. Afinal, a interatividade requer a digitalização, ou seja, a transformação de qualquer informação (imagem estática, animação, som, sinais gráficos em geral) em sinais digitais. Além disso, a interatividade deve supor a possibilidade de transmissão desses sinais por canais de fibra ótica, com qualidade e velocidade, independente do volume de informações. Já a multimídia faz parte desse contexto, segundo Woodard (1994), através da convergência possibilitada pela digitalização, integrando som, texto, vídeo, áudio, eletrônica de diversão no computador, influenciando sobre a comunicação.

Após explorar o conceito de interatividade em suas diferentes definições e taxonomias, Primo (1999) situa que o estudo da interação deve privilegiar o processo da interação em si, não enfatizando nem a máquina, nem os homens. Trata-se de valorizar o que acontece entre os interagentes, ou “de estudar qualidade da relação que emerge da ação entre eles” (PRIMO, 1999, internet). Na medida em que se deve enfatizar o que pode acontecer entre as pessoas que interagem mediadas pelo computador, tem-se uma relação que leva em conta o que pode acontecer durante o processo.

Primo (1998) classifica a interação como mútua e reativa. Este autor cita Machado (1990), que faz referência a Raymond Williams, percebe a necessidade de se diferenciar interatividade e reatividade, em termos que o primeiro sistema deveria dar total autonomia ao espectador, e que os sistemas reativos ofereceriam uma gama pré-determinada de escolhas. Por outras palavras:

Boa parte dos equipamentos hoje experimentados ou já comercializados como interativos são, na verdade, apenas reativos. Os *videogames*, por exemplo, solicitam a resposta de jogador/espectador (resposta inteligente em alguns casos; resposta mecânica na maioria dos outros), mas sempre dentro de parâmetros que são as ‘regras do jogo’ estabelecidas pelas variáveis do programa. Isso que dizer que nas tecnologias reativas não há lugar propriamente a respostas no verdadeiro sentido do termo, mas as simples escolhas entre um conjunto de alternativas pré-estabelecidas. (Williams apud MACHADO, 1990, p. 26)

Segundo Primo (1998), o estudo dos tipos de interação leva em conta as seguintes categorias: sistema (conjunto de objetos ou entidades que se inter-relacionam entre si formando um todo), processo (acontecimentos que apresentam mudanças no tempo), operação (a produção de um trabalho ou a relação entre a ação e a transformação), fluxo (curso ou seqüência da relação), *throughput* (o que acontece entre a decodificação e a codificação, entre os *inputs* e *outputs*), relação (conexão entre elementos ou subsistemas), interface (superfície de contato, agenciamentos de articulação, interpretação e tradução). A partir do texto de Primo (1998), propõe-se o seguinte quadro, que relaciona os dois tipos de interação de acordo com essas categorias:

Categoria	Interação mútua	Interação reativa
Sistema	Aberto	Fechado
Processo	Negociação	Estímulo-resposta
Operação	Ações interdependentes	Ação e reação
Fluxo	Dinâmico; passível de determinações	Linear; pré-determinada
Throughputs	Interpretativo	Automático
Relação	Negociada	Causal
Interface	Virtual	Potencial

Quadro 1: Tipos de interação e suas variáveis - Adaptado a partir de Primo (1998) in: Interação mútua e interativa: uma proposta de estudo

A partir dessa classificação, percebe-se que a socialização através dos blogs se dá via interação mútua, uma vez que o indivíduo vai ter que entrar no blog para escrever, seja como autor, seja como comentarista, ou, simplesmente para ler seu conteúdo. Daí, decorre que seu sistema é aberto e o processo pressuposto é de negociação entre as partes envolvidas. Quanto ao seu fluxo, a interação prevista em um blog é dinâmica, passível de determinações, requerendo *throughputs* interpretativos. Finalmente, tem-se que a relação é negociada e a interface, virtual.

5.3. Blogs, indivíduo e sociedade

O sociólogo e filósofo alemão Georg Simmel figura como referencial teórico pertinente para ressaltar a indissociabilidade entre o indivíduo e a sociedade e, com isso, dar sustentabilidade às pesquisas que visam o estudo da interação por meio dos blogs. Torna-se possível, a partir de sua obra, articular os aspectos referentes tanto à modernidade quanto à pós-modernidade, períodos que recobrem o aparecimento da comunicação de massa na sociedade e o desenvolvimento da cibercultura, que adquire forma com o advento da microinformática.

Simmel (1977) pensa a modernidade como experiência de interiorização pelo indivíduo (alma, subjetividade) do exterior (matéria, objetividade). Para tanto, funda a sociologia formal para captar esse novo modo de viver em sociedade e elabora o conceito de forma social, que compreende a dinâmica entre forma e conteúdo numa mesma unidade, visando dar conta desse processo.

A forma social, como unidade que possibilita a apreensão conceitual da sociedade, consiste na captação da interação social em termos de movimentos que mobilizam os indivíduos a conviver entre si, numa ação conjunta de influências. No entanto, os conteúdos de socialização, as diferentes pulsões, de caráter cooperativo ou conflitivo que levam os indivíduos a estabelecer relações entre si não são algo social. Nesse sentido, a fome, o trabalho, o amor, a religiosidade, a técnica, funções ou obras da inteligência, isoladamente, não constituem fatores sociais por si só, ainda que a socialização aconteça mediante esses impulsionadores na realização dos interesses. Simmel (1977) propõe que a sociedade se realiza no indivíduo por meio de processos, já que o indivíduo é fragmento não só do homem, mas também de si mesmo, considerando que é o olhar do outro que vem a complementar essas fissuras no corpo social.

O pensador (1987) observa que na vida social na modernidade ocorre a dispensa da presença física dos indivíduos nos laços sociais, ao contrário do que acontece na sociedade tradicional, em que os membros de uma comunidade convivem de maneira orgânica, contínua e exclusiva. Esse aspecto se relaciona com a crescente intelectualização do mundo moderno, que confere uma espiritualização cada vez maior aos laços sociais. Há, com isso, uma certa relativização das noções de distância e de proximidade nas relações sociais, sendo que não se formam grupos baseados simplesmente na proximidade espacial, o que estimula a proliferação dos meios que permitem vencer a distância nas relações contraídas.

Quanto a isso, Simmel (1999) estabelece uma relação entre meios de comunicação generalizada com o crescimento do tamanho dos grupos e o domínio da ação individual. Esses meios, devido ao seu caráter abstrato e universal, possibilitam ao indivíduo relaxar os laços com os mais próximos e se engajar em laços reais ou ideais com os mais distantes.

Na presente pesquisa, a questão de interação nos interessa, particularmente, não apenas pelo viés da comunicação e da socialização, mas também pela influência no desenvolvimento integral do indivíduo (cognitivo, afetivo e social, entre outros).

A noção de interação foi abordada, ao longo de décadas, por diversos paradigmas epistemológicos oriundos da comunicação, psicologia social, sociologia, entre outras áreas do conhecimento. Do ponto de vista etimológico, a palavra interação social sugere a idéia de ação entre sujeitos. Consideramos a interação como a ação conjunta e interdependente de dois ou mais participantes que produz mudanças tanto nos sujeitos como no contexto no qual a interação se desenvolve (Watzlawick, 1967).

Outros autores como, Garton (1994) definem **interação social** a partir da sua funcionalidade como sendo "[...] o veículo fundamental para a transmissão dinâmica do conhecimento cultural e histórico" (p.22). Enquanto que outros, como Tardif(1996), a definem como "*tudo aquilo que os indivíduos fazem juntos ou um em direção ao outro*" e compreende as seqüências de comportamento com diversos graus de complexidade elaborados em função da articulação dos comportamentos dos sujeitos envolvidos na interação. Finalmente, Marc e Picard (2000) a definem como sendo "[...] o campo no qual as relações sociais se atualizam e se reproduzem, ela também se constitui um espaço de jogo onde podem introduzir a invenção e a mudança e onde a cada instante acontece de novo a ligação social" (p.11).

A partir das definições expostas extraímos os principais elementos que compõem ou participam da interação social como sendo:

- Co-presença: a exigência de uma presença conjunta de pelos menos dois sujeitos para estabelecer a interação. Essa presença, não necessariamente trata-se de uma presença física, sendo possível uma interação “virtual” no sentido de utilizar ambientes ou ferramentas que propiciem essa "co-

presença" como o telefone, bate-papo, entre outros, propiciando, desta forma, um compartilhar de contexto (tempo/espço) comum entre os sujeitos em interação;

- Percepção: como pré-requisito à existência da interação;
- A relação de reciprocidade que se estabelece (bidirecionalidade) entre os participantes: ação de um orientada ao outro, e as respostas sucessivas na corrente de interação;
- Meio cultural compartilhado: contexto de significados compartilhado, no sentido dado por Piérre Lèvy (1993)¹¹;
- Instrumentos ou meios de comunicação: sendo o principal a linguagem e necessários para permitir a interação.

Para existir comunicação é necessária a existência de uma forma de construção e representação das mensagens, isto é, uma linguagem. Uma linguagem é um sistema composto por um conjunto de símbolos e um conjunto de normas, ambos conhecidos pelos sujeitos e que têm uma dupla função: construção de mensagens e a atribuição compartilhada de significados. Assim, para existir comunicação é necessário que existam códigos compartilhados e significados conveniados (socialmente dotados de significados), além de normas precisas de utilização desses códigos.

A linguagem não é apenas um meio para transmitir informações, mas um mecanismo de construção de contextos sociais, ou seja, de "[...] *elaboração e partilha de significações num contexto com sentido*" (MARC e PICARD, 2000, p.15). Quando acontece isso, dizemos que é possível acontecer comunicação entre os sujeitos.

Por outro lado, não podemos considerar o processo de comunicação restrito unicamente à linguagem, já que envolve, também, as intenções dos sujeitos e suas crenças, incorporando, assim, um processo psicológico e cognitivo: o pensamento. Logo, a criação e recepção de mensagens, passa por uma postura ativa dos sujeitos, que se envolvem na comunicação atribuindo significados e "interpretando" as mensagens e "reconstruindo" o contexto social (que não é estático e sim dinâmico durante processo, sofrendo alterações constantes a partir das percepções e interpretações compartilhadas pelos sujeitos). A partir disso, consideramos que toda comunicação além de transmitir um conteúdo, define também uma relação. Como Lèvy afirma, através dos atos e comportamentos de cada participante do processo de comunicação que o mesmo "[...] *re-orienta a representação que dele fazem os outros protagonistas, sendo, portanto ação e comunicação quase sinônimos*" (1993, p. 21).

¹¹ Considerando que toda situação interacional implica numa situação comunicacional, os protagonistas utilizam o contexto para interpretar as mensagens recebidas, numa visão clássica, mas Lèvy, afirma que o contexto na verdade é o próprio alvo da comunicação, isto é, nos comunicamos para transformar o contexto compartilhado pelos parceiros. O sentido de uma mensagem surge do contexto que é local, particular, mas as mensagens se alteram ao se deslocar de uma pessoa para outra influenciando no contexto particular, criando assim um contexto público, compartilhado unido aos contextos particulares de cada participante.

Assim, se por um lado, o contexto serve para determinar o sentido de uma palavra ou frase, por outro, essa mesma palavra ou frase produz uma rede semântica de significados particular composto de imagens, palavras, lembranças, conceitos, sensações, entre outros, que são ativados quando o protagonista recebe e interpreta a mensagem.

Vemos, então, que a comunicação não pode ser pensada como um processo linear, mas interativo e intersubjetivo que envolve não somente a linguagem, como veículo de comunicação, mas como ferramenta de construção de significados, caracterizando o processo de comunicação como um fenômeno relacional, constituindo uma totalidade sistêmica única em que os sujeitos estão ativamente envolvidos e que contém sua dinâmica própria e regras específicas (implícitas ou explícitas) das quais nenhum dos sujeitos tem o domínio completo.

Consideramos este contexto uma **rede de significações** como concebida por Rossetti-Ferreira et alli (2004) que consideram que o desenvolvimento humano acontece dentro de fenômenos complexos que envolvem uma dimensão semiótica de elementos inter-relacionados dialeticamente. Por essa concepção, aspectos de pessoas em interação e dos seus contextos são inseparáveis e constituem um processo de mutua estruturação (de contextos e pessoas). Essa constituição mutua é dialética e constantemente alterada em função do tempo e dos eventos, pois “ [...] a rede de significados e sentidos presentes na ação de significar o mundo, o outro e a si mesmos, efetivada no momento interativo, estrutura um universo semiótico que denominamos de Rede de Significações” (2004, p.24).

Com isto fica evidente a natureza discursiva e o caráter semiótico da natureza humana, sendo que consideramos seu desenvolvimento centrado nas interações dos processos de produção de significados e sentidos, na ação de significar e de constituição das pessoas.

Para Rossetti-Ferreira et alli (2004), vários são os elementos que participam na rede de significações, e embora sejam indissociáveis, para fins de estudo podem ser explicitados como:

- Campos interativos dialógicos: são os espaços onde as relações sociais a partir de ações partilhadas são constituídas. “Essas ações partilhadas se estabelecem através de processos dialógicos nos quais cada pessoa tem seu comportamento delimitado, recortado e interpretado pelo outro e por si mesmo através da coordenação de papéis ou posições dentro de contextos específicos.” (p.25). Assim, ao agir dialogicamente, pessoas transformam as outras e são transformadas modificando suas funções psicológicas¹², suas crenças e intenções e promovendo novas perspectivas de desenvolvimento e de interação.
- Pessoas: Todo ser humano como ser social vive em constante interação com o meio. Nessa interação os seres humanos se constituem como pessoas, construindo as relações que estruturam sua vida (relações sociais, afetivas, cognitivas, entre outras). Meu *eu* se constitui pelo outro, a identidade é social, múltipla e heterogênea a partir dos espaços e posições/papeis que as pessoas ocupam nos campos interativos.
- Contextos: todo processo de desenvolvimento humano situa-se num contexto cultural, que são constituídos pelos ambientes físicos e sociais, pela estrutura organizacional e econômica dos

¹² Utilizaremos o conceito de funções ou processos psicológicos como sinônimo de cognição humana, partindo dos estudos de Vygotsky (1988).

mesmos. Os contextos são também definidos pelos papéis e posicionamentos que as pessoas assumem e contribuem para a emergência de novos posicionamentos decorrentes de determinadas relações e interações possíveis no contexto.

- Múltiplas dimensões espaço-tempo: as dimensões temporais segundo Rossetti-Ferreira et alli (2004) são: tempo presente (microgenético), tempo vivido (ontogenético), tempo histórico (filogenético), tempo de orientação futura (prospectivo)

O conjunto de significados que emerge da rede de significações torna-se mediador de ações e promove certas práticas sociais, delimitando outras. De acordo com as pessoas em interação, o tempo, o evento e o contexto certos significados e sentidos adquirem maior relevância que outros, reorganizando a configuração da rede de significações levando à emergência de novos significados, ações, emoções, concepções e o próprio desenvolvimento das pessoas. Esse processo de transformação estabelece um conjunto de possibilidades e limites que influencia as pessoas envolvidas na rede de significações. Assim, o processo de desenvolvimento de uma pessoa em particular não pode ser entendido isoladamente, mas no contexto da rede de significações, “ *...por meio dos processos dialógicos intersubjetivos, as várias redes interligam-se e se superpõem em muitos pontos*” (p.29). Desta forma, cada pessoa em interação passa por experiências e histórias diversas, planos e projetos diferenciados de ação que levam a um processo único de desenvolvimento que é ao mesmo tempo público-privado através da noção de papel. Consideramos o papel, de acordo com Vygotsky (1988), de duas formas: como modelo de desempenho por imitação e como recurso de desenvolvimento, mediador da relação sujeito-mundo.

De acordo com Oliveira e Costa (2004), pensar as interações sociais como relações de papel é uma questão que aparece no século XIX e que, posteriormente, integra-se a Psicologia no estudo da formação da consciência e da subjetividade, a partir do conceito de *self* de W. James e de trabalhos de outros psicólogos de diferentes correntes epistemológicas, como: Vygotsky, Mead, Janet, entre outros. Particularmente interessa-nos os estudos de Harré, Davies, Langenhove e Gillet para os quais o estudo das interações sociais deve levar em consideração a constituição da linguagem discursiva. Para Harré (apud Oliveira e Costa, 2004) o conceito de papel representa uma alternativa estática dos processos interativos, preferindo o conceito de **posicionamento** como uma alternativa dinâmica na produção de sentidos e significações do mundo.

O conceito de posicionamento tem se desenvolvido particularmente direcionado ao entendimento do modo como as pessoas constroem suas identidades discursivamente, na relação com os outros, e às funções sociais de assumir para si mesmo ou atribuir a outros determinadas posições (OLIVEIRA E COSTA, 2004, p. 76)

Pois, na construção de histórias pessoais, as pessoas assumem posições e tornam suas ações delimitadas em função de tais posicionamentos. Isto se evidencia em qualquer contexto interativo no qual ações discursivas sejam possíveis e em particular na construção de blogs que é o foco desta pesquisa. Para Oliveira e Costa (2004), o posicionamento caracteriza o processo discursivo no qual os “selves” são construídos nas interações e tal processo discursivo envolve não somente uma dimensão relacional (interpessoal) com os outros, mas uma dimensão intrapessoal que é reflexiva.

O relacional é derivado do processo interativo no qual os posicionamentos “são discursivamente construídos na relação conjunta” (2004, p.76) e o reflexivo é consequência desse posicionamento que acontece na ação discursiva de forma explícita ou implícita, a partir do próprio sujeito e das relações estabelecidas com os outros.

Embora as pessoas estejam sempre posicionadas nas suas atividades discursivas, se auto-posicionando e/ou sendo posicionadas pelos outros, nem sempre as pessoas podem assumir qualquer posicionamento apesar de ser possível existir múltiplos posicionamentos, pois assumir uma posição envolve direitos e deveres e a própria linha de história dos participantes. A linha de história refere-se ao “conjunto de significados associados pelos participantes à posição negociada e que nos permitem definir o sentido de uma posição num determinado contexto interativo” (p.78).

Assim, o papel/posicionamento torna-se uma ferramenta conceitual que permite observar e analisar os processos de interação no desenvolvimento da subjetividade dos indivíduos.

5.4. Concepções sobre Necessidades Especiais

O conceito de "necessidades especiais" tem mudado muito ao longo da história até chegar aos nossos dias¹³. Durante a primeira metade do século passado, o conceito de necessidades especiais era equivalente ao conceito de "deficiência" e considerava-se de caráter permanente, sendo possível apenas "adaptar" ou "treinar" a pessoa "deficiente" para viver em sociedade. Desta forma, os primeiros estudos visavam somente identificar e classificar as diferentes deficiências, tendo como objetivo a detecção precisa de cada distúrbio e, conseqüentemente, a definição de um tratamento "especial". Esse tratamento era responsabilidade de uma instituição especializada, como as escolas de educação especial. Esta situação se manteve até início da década de 60, quando a idéia de distúrbios permanentes e imutáveis começou a ser questionada e o conceito de "deficiente" foi sendo substituído pelo de Pessoa com Necessidades Especiais (PNEs).

¹³ Conforme Cloerkes (apud BEYER, 2000) quatro paradigmas que podem ser diferenciados na educação especial:

- Paradigma clínico-médico, orientado à pessoa e sua deficiência;
- Paradigma interacionista: no qual a deficiência surge como diferença nas expectativas dos outros com relação ao sujeito;
- Paradigma teórico-sistêmico, no qual a deficiência é dependente da diferenciação feita pelo sistema através de instituições específicas;
- E por último o paradigma teórico-social, ou materialista, que considera a deficiência como um produto social, e somente pode ser compreendido a partir da análise das relações de produção e de classe numa sociedade.

Fonseca (1995) define as PNEs como sendo pessoas com limitações físicas ou mentais que afetam aspectos do comportamento, mas que não os impedem de desenvolver capacidades que os auxiliem na complementação das suas limitações.

Ainda na década de 1960, surgiram estudos sobre estimulação precoce, distinção entre causas consideradas internas e externas dos distúrbios e particularmente, sobre a possibilidade de desenvolvimento das PNEs, sendo o conceito de incurabilidade definitivamente questionado. (ECHEITA, 1995) (FONSECA, 1995). No início do século passado, Vygostky(1997) já defendia este posicionamento criticando a psicologia pela concepção puramente aritmética da deficiência, e defendia, assim, um estudo qualitativo das pessoas com necessidades especiais, afirmando que essa pessoa não é menos desenvolvida, mas alguém que desenvolveu-se de outra maneira. Para Vygotsky, a psicologia não podia limitar-se a estudar e classificar defeitos ou distúrbios e sugerir métodos paliativos, mas deveria incluir na sua esfera de pesquisa o fenômeno completo, a partir do qual, cria-se um contexto único de desenvolvimento para cada pessoa. Para Vygotsky o contexto sócio-cultural no qual o sujeito está imerso é um mediador do desenvolvimento do sujeito, e defendia no início do século passado, o que posteriormente, em torno da década de 1960 ficou conhecido como **Inclusão** e que ganhou força no Brasil a partir da nova LDB e de outros projetos governamentais e não-governamentais (ONGs).

Nesse sentido, o Brasil encontra-se num processo de inclusão em duas frentes: educacional e cidadã, que envolve a inclusão de minorias abordando aspectos econômicos, sociais, religiosos e raciais/étnicos. Com relação à inclusão educacional no Brasil, a mesma teve seu início em 1992 quando uma nova política de fortalecimento da Educação Especial foi estabelecida através da recriação da Secretaria de Educação Especial (SEESP), na estrutura do MEC (Lei 8.490/92). Do ponto de vista social, este fato representou uma mudança positiva para o desenvolvimento de ações educativas para as Pessoas com Necessidades Especiais (PNE) e do ponto de vista político, mostrou a preocupação do MEC com relação a oferecer oportunidades para uma educação para todos os cidadãos, incluindo dentro deste contexto àquela parcela da população que sofre sérias discriminações dentro da sociedade¹⁴.

Do ponto de vista da inclusão cidadã, o Brasil também teve movimentos sociais, decorrentes em sua maioria de Organizações Não Governamentais que aparecem no final da década de 1980 e início de 1990. Segundo Bava (2006, internet) no novo cenário neoliberal dos anos 90 no qual se presencia a desconstrução de direitos e o abuso de políticas assistenciais que surge um novo papel para as ONGs enquanto grupos de cidadãos que se organizam para a defesa e ampliação de direitos.

Como conseqüência desses movimentos e do fenômeno de globalização surge a fins da década de 1990 uma preocupação com a inclusão social como forma de dar respostas à pressão crescente que

¹⁴ Isto se manifestou concretamente ao definir que a SEESP teria o mesmo nível hierárquico das demais secretarias, ampliando desta forma seus recursos financeiros e melhorando sua infra-estrutura (SEESP, 2001).

a sociedade exerce no Estado em todos os seus níveis. Encontramos diversos exemplos de programas sociais como Bolsa-Família, Primeiro Emprego, entre outros assim como ações e políticas governamentais que podem ser citadas aqui¹⁵, mas todas estas ações se caracterizam pela promoção da participação na sociedade das minorias e pelo enfoque no desenvolvimento sustentável e regional das mesmas.

Por volta de 1994, foi lançada a Política Nacional de Educação Especial, que tem norteado as ações do governo brasileiro¹⁶. Um outro ponto importante nesse mesmo ano foi a publicação do documento “Declaração de Salamanca e Linha de Ação sobre Necessidades Educativas Especiais”, resultado da “Conferência Mundial sobre Necessidades Educativas Especiais: Acesso e Qualidade” (realizada em Salamanca – Espanha) que representou um novo ponto de partida para as ações da Educação Especial ao reafirmar que,

Cada criança tem características, interesses, capacidades e necessidades de aprendizagem que lhes são próprios; os sistemas educativos devem ser projetados e os programas aplicados de modo que tenham em vista toda a gama dessas diferentes características e necessidades; as pessoas com necessidades educativas especiais devem ter acesso às escolas comuns, que deverão integrá-las numa pedagogia centralizada na criança, capaz de atender a essas necessidades. (Declaração de Salamanca, 1994).

Em 1994, a UNESCO numa Conferência Mundial sobre Necessidades Educacionais Especiais colocou que a exclusão PNE das escolas cria uma discriminação social e torna-se um problema de direitos humanos, pois *"são as escolas que devem modificar sua estrutura e funcionamento para incluir todos os alunos"* (STAINBACK e STAINBACK, 1996, p.21).

A partir de 1995, o MEC incrementou seus esforços para a implantação e implementação da política de educação especial em todo território brasileiro visando expandir e melhorar as ações da Educação Especial, fomentando a integração dos alunos com necessidades educacionais especiais no sistema regular de ensino e o fortalecendo as instituições especializadas para a melhoria do atendimento ao aluno, sempre buscando sua efetiva integração na sociedade. Mas, foi o ano de 1996 que determinou os novos rumos para o atual processo de transformação do sistema educacional brasileiro, ao contribuir, com novos conceitos e idéias sobre essa modalidade de educação escolar e sobre alunos com necessidades especiais, para a elaboração da nova LDB. (Lei 9394/96) e dos

¹⁵ Como exemplo podemos citar o Ministério de Ciência e Tecnologia que em 1999 cria o Programa Sociedade da Informação no Brasil como um projeto para incluir o País na Sociedade da Informação e favorecer a competição da economia nacional no mercado global, integrando, coordenando e fomentando ações para a utilização de tecnologias de informação e comunicação. O programa visa articular e coordenar o desenvolvimento e a utilização de produtos e serviços avançados de computação, comunicação e conteúdos e suas aplicações visando à universalização do acesso e à inclusão de todos os brasileiros na Sociedade da Informação. <http://www.socinfo.org.br>

¹⁶ A definição da Política Nacional de Educação Especial foi um importante marco qualitativo, no processo de evolução da atenção educacional pública à pessoa com necessidades especiais, no sentido de favorecer o respeito e o cumprimento dos compromissos assumidos na Conferência Mundial sobre Educação para Todos, em Jomtien, Tailândia em 1990 (SEESP, 2001)

Parâmetros Curriculares Nacionais, que redirecionaram e subsidiaram as ações educativas posteriores, que visavam a formação de cidadãos críticos e integrados, mostrando que a Educação Especial é parte integrante da Educação Geral (SEESP, 2000).

6. Questões de pesquisa

De que maneira se estrutura a rede social de relacionamentos de PNEs através dos blogs?

Como se evidenciam as histórias de vida nos blogs de PNEs e familiares?

Que posicionamento/papel os PNEs e familiares assumem em seus blogs?

Como os blogs contribuem para a constituição da subjetividade da intersubjetividade dos PNEs?

Quais são os problemas de acessibilidade digital enfrentados pelos PNEs no uso de blogs?

7. Metodologia

Na medida em que se vai fazer uma pesquisa que se destina a verificar um fenômeno que se dá na blogosfera, a netnografia¹⁷ se torna pertinente como matriz metodológica. Ao partirmos de uma constatação de que a comunicação mediada por computador é uma realidade na contemporaneidade é necessário optar por uma metodologia qualitativa que dê conta desse aspecto.

O fato é que as recorrentes pesquisas ao campo da antropologia (devido à legitimação dos instrumentos de pesquisa de campo) levam a considerações importantes, ainda que não sejam inéditas, quando se trata de investigar os elementos concernentes às relações entre os indivíduos no meio digital.

Pode-se dizer que o conceito de não-lugares de Augé (1994) fornece pistas evidentes da conexão da antropologia com a cibercultura, ainda que o autor não a tenha explicitado (o texto original é de 1992, antes, portanto, da popularização da internet pelo mundo). A título de contraponto, o autor, conceitua lugar a partir de três características comuns, quais sejam, ser pretensamente identitários, relacionais e históricos. Nas palavras do autor (1994): “finalmente, o lugar é necessariamente histórico a partir do momento em que, conjugando identidade e relação, ele se define por uma estabilidade mínima. (AUGÉ, 1994, p.53). Quanto aos não-lugares, a citação que segue é bastante esclarecedora:

A hipótese aqui defendida é a de que a supermodernidade é produtora de não-lugares, isto é, de espaços que não são em si lugares antropológicos e que, contrariamente à modernidade baudelairiana, não integram os lugares antigos: estes, repertoriados, classificados e promovidos a ‘lugares de memória’, ocupam aí um lugar circunscrito e específico. (AUGÉ, 1994, p.73)

Como exemplo de não-lugares, o autor cita: ferroviárias, rodoviárias e domicílios móveis (meios de transporte) tais como aviões, trens, ônibus, aeroportos, estações, grandes cadeias de hotéis,

¹⁷ As proposições a respeito da netnografia referidas neste texto foram retiradas de MONTARDO, Sandra Portella e ROCHA, Paula Jung. Netnografia. Incursões metodológicas na cibercultura. In: **E-compós**. Revista da Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Disponível em <http://www.e-compos.org.br>.

parques de lazer, e, finalmente, “as grandes superfícies de distribuição, a meada complexa, enfim, redes a cabo ou sem fio, que mobilizam o espaço extraterrestre para uma comunicação tão estranha que muitas vezes só põe o indivíduo em contato com uma outra imagem de si mesmo” (AUGÉ, 1994, p.75). O autor (1994) ainda destaca que um não-lugar pode existir como lugar, destacando ainda que lugar e não-lugar são polaridades fugidias: o primeiro nunca é completamente acabado e o segundo nunca se realiza completamente.

Um ponto importante a ser destacado é que o usuário do não-lugar mantém com ele uma relação contratual (comércio, trânsito, comércio, lazer). Esses não-lugares têm por característica serem definidos por palavras ou textos, os quais propõem ao usuário, de forma prescritiva, informativa, proibitiva, o seu próprio “manual de utilização”. Para tanto, vale-se de uma variedade de códigos ou, até, mesmo, da língua natural.

Uma das possibilidades de se estudar o imaginário virtual e seus atores sociais se faz pelo método da observação. Assim como é comum para a antropologia, a observação no ciberespaço é fundamental para execução desse projeto. Porém, devido à natureza desterritorializada do ciberespaço, o que se pergunta é de que forma fazer a observação participante à distância. A premissa básica da aproximação ao objeto de estudo merece, então, um re-direcionamento.

Faz-se pertinente retomar alguns pontos sobre o campo da antropologia/etnografia. Para isto o pesquisador Clifford Geertz, o qual é favorável a uma “descrição densa” como principal conceito de etnografia esclarece que,

fazer etnografia é como tentar ler (no sentido de construir uma leitura de) um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado. (GEERTZ, 1989, p. 20)

Outra concepção de etnografia pode ser encontrada em Batzán (1995), segundo o qual “etnografia é o estudo descritivo da cultura de uma comunidade, ou de algum de seus aspectos fundamentais, sobre a perspectiva de compreensão global da mesma” (BATZÁN, 1995, p.3). Batzán explica também que há dois tipos: a etnografia descritiva e a etnografia ativa, sendo esta última equivalente a um diagnóstico cultural que seria devolvido à comunidade para possíveis discussões.

Marc Augé (1994) problematiza a expressão “antropologia do próximo” uma vez que sustenta que “a antropologia sempre foi uma antropologia do aqui e do agora” porque o autor/pesquisador, segundo o autor, “deve ser o etnólogo que se encontra em algum lugar (seu aqui do momento) e que descreve aquilo que observa ou escuta naquele momento” (AUGÉ, 1994, p. 56). Tal argumentação está totalmente associada à intenção deste trabalho, já que se trata de uma metodologia que tem como uma de suas etapas o trabalho de campo para se aproximar do objeto. Ainda segundo o antropólogo “toda etnologia supõe um testemunho direto de uma atualidade presente”(AUGÉ, 1994, p.75).

Quanto à questão da escolha do método etnográfico, portanto da utilização da teoria antropológica como pano de fundo desta pesquisa cujo objeto se encontra no ciberespaço. Segue uma citação de Augé que legitima esta proposta e, principalmente enaltece a ciência do homem (Antropologia) na contemporaneidade e não apenas numa época em que Antropologia se prestava, quase que exclusivamente, ao estudo dos povos distantes e primitivos, como se sabe.

A questão que se coloca, primeiro, a propósito da contemporaneidade próxima não é saber se e como se pode pesquisar num grande conjunto, numa empresa ou numa colônia de férias (bem ou mal, chegar-se-á a isso), mas saber se há aspectos da vida social contemporânea que aparecem hoje como se originando de uma investigação antropológica – da mesma maneira que as questões de parentesco, da aliança, do dote, da troca etc. impuseram-se, primeiro, à atenção (como objetos intelectuais) dos antropólogos do distante. (AUGÉ, 1994, p. 20)

Visto que as características da contemporaneidade evidenciam explicitamente a supressão do tempo e do espaço, faz-se pertinente abordar esta problemática. No que concerne às novas tecnologias de comunicação e de informação é sabido que uma das principais contribuições das invenções, ao longo, da história da humanidade é de tentar controlar o tempo e expandir o seu alcance no espaço.

A globalização inaugura o pensamento da desterritorialização dos valores, mercadorias e também das pessoas. A própria noção de real e de virtual, amplamente discutida também se torna alvo de relativizações. O pesquisador Otávio Ianni lança sua opinião sobre o fenômeno contemporâneo, pós-moderno ou não, para o fato de que as categorias de tempo e de espaço evidenciam fragilidades na conceituação. Sobre esse ponto, o autor complementa:

É assim que a desterritorialização aparece como um momento essencial da pós-modernidade, um modo de ser isento de espaços e tempos, no qual se engendram espaços e tempos inimagináveis. É como se o mundo se mostrasse povoado de sucedâneos, simulacros, fetiches autonomizados, reificados, alheios ao cerne das coisas, isentos da tensão e aura do real. (IANNI, 1996, p. 105)

Conforme Augé (1994), a exploração do espaço e do tempo se torna aos poucos um desafio para homem, que mesmo ao descobrir a infinidade do universo persiste no desejo de ubiqüidade com consciência dos limites. Nas palavras do autor, tem-se que:

Do excesso de espaço poderíamos dizer, (...) que é correlativo do encolhimento do planeta: dessa colocação à distância de nós mesmos à qual correspondem às performances dos cosmonautas e a ronda de nossos satélites. Num certo sentido, nossos primeiros passos no espaço reduzem o nosso ponto ínfimo cujas fotos feitas por satélite dão-nos justamente a medida exata. O mundo, porém, no mesmo tempo, abre-se para nós. (AUGÉ, 1994, p. 34)

Ao levar em consideração fundamentalmente a premissa do antropólogo Marc Augé sobre o que chama de “etnologia da solidão”, cuja manifestação mais radical no presente seria a relação que o homem estabelece com o computador e seus serviços, ou seja, a virtualidade, principalmente a internet,

pode-se assim associar com a consolidação de um não-lugar, neste caso, o ciberespaço¹⁸. O autor não utiliza o termo pós para classificar o presente (exemplo, pós-modernidade). Prefere acrescentar o prefixo super, que faz menção ao excesso.

A supermodernidade (que procede simultaneamente das três figuras do excesso que são a superabundância factual, a superabundância espacial e a individualização das referências) encontra naturalmente sua expressão completa nos não-lugares. Por estes, ao contrário, transitam palavras e imagens que retomam raiz nos lugares ainda diversos onde os homens tentam construir uma parte de sua vida cotidiana (AUGÉ, 1994, p. 100).

Noutro ponto do texto, o autor acrescenta que “é no anonimato do não-lugar que se experimenta solitariamente a comunhão dos destinos humanos” (1994, p.110). Pode-se com esta citação de Augé caracterizar a paradoxal sociedade contemporânea, pois ao mesmo tempo em que o não-lugar é solitário e contratual, vê-se que a apropriação da cultura pela cibernética, ou seja, a cibercultura promove também no ciberespaço situações de harmonia conflitual e de caos organizador. Porque também se constitui em uma possibilidade de comunhão, de agregação virtual, nem por isso menos real, dos indivíduos. Assim, pode-se fazer a associação do imaginário pós-moderno ser coletivo (proposto por Maffesoli) e, ao mesmo tempo, não excluir os apontamentos de Augé sobre a prevalência do individualismo na contemporaneidade.

Segundo Kozinets¹⁹ (2002) a netnografia é definida como um método de pesquisa derivado da técnica etnográfica desenvolvida no campo da antropologia e, costuma-se dizer que a netnografia tem conhecido um crescimento considerado devido à complexidade das experiências da sociedade digital. Este método é constantemente utilizado por pesquisadores das áreas da comunicação, do marketing, da antropologia e da sociologia. Nota-se que muitos *sites* descrevem netnografia como o monitoramento de comunidades *on-line* a fim de se estabelecer hábitos de consumo²⁰. Para tanto são apresentados como instrumentos de pesquisas: entrevistas pela Internet, e-mails, postagens e *web sites*. No caso desse projeto, cabe acrescentar os blogs, uma vez que será feita a observação dos blogs de PNEs e de seus familiares, além de contar com questionários a serem aplicados para os mesmos.

⁷ Esta associação do conceito de não-lugar proposto por Marc Augé e do conceito de ciberespaço, ou espaço virtual é uma das constatações que a autora se permitiu fazer por acreditar nas semelhanças entre os não-lugares apontados por Augé e as discussões a respeito da natureza do ciberespaço.

¹⁹ As aplicações do estudo de Kozinets são relacionadas aos hábitos dos consumidores virtuais (*cibermarketing*). Netnography presents “a fusion of established and innovative ethnographic techniques adapted to the naturalistic study of virtual communities, and their research representation” striving for the profound experiencing of digital sociality (Sherry and Kozinets 2000).

²⁰ Encontrou-se no endereço www.mngt.waikato.ac.nz/research/ejrot/cmsconference/2003/proceedings/criticalmarketing/Maclaran o seguinte texto Gender, Technology And Computer-Mediated Communications In Consumption-Related Online Communities *Stream 23: Critical Marketing: Visibility, Inclusivity, Captivity* **Pauline Maclaran**, De Montfort University, Leicester, England, **Miriam Catterall**, The Queen's University of Belfast, N.Ireland, **Margaret Hogg**, Manchester School of Management, UMIST, England **Rob Kozinets**, Northwestern University, USA

Atualmente, existem várias ferramentas a serem utilizadas para que blogs sejam consultados, selecionados e seus autores, acionados para a pesquisa. Entre elas, destacamos a ferramenta de Pesquisa de Blogs do Google, disponível no site do Blogger²¹. Em 09 de abril de 2006, a partir da palavra-chave autismo foram localizados 3737 postagens em blogs através dessa ferramenta. Os resultados da busca são dispostos segundo sua relevância.

Já o site Technorati oferece tags sobre temas específicos comentados em blogs, além de oferecer uma forma de disponibilizar assuntos tratados em blogs como *tags* no Blog Finder. A ferramenta de busca de blogs do Technorati permite selecionar o grau de autoridade sobre o assunto postados/comentados nos blogs pesquisados. O sistema interpreta como autoridade o número de pessoas que apontam para o blog. Nesses termos, pode-se selecionar sites com: nenhuma autoridade, em que são mostrados todos os resultados; um pouco de autoridade, em que são listados blogs com pelo menos um link; autoridade, em que são mostrados blogs com alguns *links* e muita autoridade, aqueles que tem centenas de *links* apontando para eles.

8. Resultados esperados

8.1. Quantitativos

Identificar as principais categorias de PNEs no Brasil que utilizam blogs;

Identificar os problemas de acessibilidade digital enfrentados pelos PNEs no uso de blogs.

8.2. Qualitativos

Estabelecer categorias de análise para os blog que perpassem a questão da interação social, levando em consideração a subjetividade e o posicionamento dos PNEs e familiares;

Adaptar a metodologia de pesquisa conhecida por netnografia ao estudo de blogs;

Destacar o potencial de socialização representado pelos blogs para PNEs e familiares.

9. Cronograma

Obs.: este projeto iniciou em 08/2006 na Feevale, e está sendo transferido para a UFRGS em decorrência da posse da Prof. Liliana M. Passerino, que agora pertence ao quadro docente da UFRGS vinculada a FACED/DEE desde 23/02/2007

Atividades	03/07	04/07	05/07	06/07	07/07	08/07	09/07	10/07	11/07	12/07	01/08	02/08	03/08	04/08	05/08	06/08	07/08	09/08	10/08	11/08	12/08	
Atividade 1																						
Atividade 2																						

²¹ Disponível em <http://www.blogger.com>

Atividade 13 - Identificação da acessibilidade digital possível por meio dos blogs de PNEs e familiares e os problemas relacionados;

Atividade 14 - Analisar alternativas de acessibilidade e inclusão social de PNEs através de blogs; (março de 2007 a setembro de 2008)

Atividade 15 - Identificação de posicionamento que os PNEs e familiares assumem em seus blogs e seu impacto na inclusão social;

Atividade 16 - Análise da constituição da subjetividade e da intersubjetividade dos PNEs e familiares através dos blogs; (março de 2008 a setembro de 2008)

Atividade 17- Identificar e explorar o potencial de socialização representado pelos blogs para PNEs e familiares; (março de 2007 a setembro de 2008)

Atividade 18 - Organização e editoração de um livro ou outro produto científico com os principais resultados da pesquisa;

Atividade 19 - Elaboração de relatório final de pesquisa.

12. Referências

ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

AUGÉ, Marc. **Não-lugares**. Introdução a uma antropologia da supermodernidade. 3 ed. Campinas, SP: Papirus, 1994.

BAVA, S. C. **Mitos e realidades sobre inclusão social, participação cidadã e desenvolvimento local**: uma discussão sobre contextos e conceitos. Disponível em <http://www.bancomundial.org/foros/sdadcivil/web/contexto.htm>. Acesso em: 07 de abril de 2006.

BAZTÁN, Aguirre. **Etnografía**. Metodologia cualitativa em la investigación sociocultural. Barcelona: Boixareu Universitária, 1995.

BEYER, H. O. A criança com autismo: propostas de apoio cognitivo a partir da Teoria da Mente. In: BAPTISTA et alli. **Autismo e Educação: reflexões e propostas de intervenção**. Porto Alegre: ArtMed, 2002, p. 111-125.

BEYER, H. O. **Educação Especial**: uma reflexão sobre paradigmas. In: Reflexão e Ação, Vol. 6 n. 2 Jul/Dez 1998. Santa Cruz do Sul: UNISC, 2000. p. 9-22.

BLOOD, Rebecca. **Weblogs: a History and perspective**, 2000. Disponível em http://www.rebeccablood.net/essays/weblog_history.html. Acesso em 09 de abril de 2006.

BRASIL, Ministério de Educação. Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na educação básica/**Secretaria de Educação Especial** - MEC, SEESP, 2001. Disponível em <http://www.mec.gov.br/seesp/Ftp/PROINESP.pdf> . Acesso em 21/03/2002

COLE, M. Desarrollo cognitivo y educación formal: comprobaciones a partir de la investigación transcultural. In: MOLL, L.C (comp.) **Vygotsky y la educación: connotaciones y aplicaciones de la psicología sociohistórica en la educación**. Bs. As.: Aique, 1993.

DANIELS, H. O indivíduo e a organização. In: DANIELS, H. (Org.). **Vygotsky em foco: pressupostos e desdobramentos**. Campinas, SP: Papirus, 1994.

ECHEITA, G. Capítulo 11: Interação Social y Desarrollo de Conceptos Sociales. In: MUGNY, G e PÉREZ, J. (Eds.). **Psicología Social del Desarrollo Cognitivo**. Espanha: Anthropos, 1988.

ECHEITA G. e MARTIN, E. Interação Social e Aprendizagem. IN: COLL, César; PALÁCIOS, Jesús e MARCHESI, Álvaro (Org.) **Desenvolvimento Psicológico e educação: necessidades educativas especiais e aprendizagem escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. v.3, p. 36-53.

EMLER, N. GLACHAM, M. Capítulo 4: Aprendizaje y Desarrollo Social. IN: MUGNY, G e PÉREZ, J. (Eds.). **Psicología Social del Desarrollo Cognitivo**. Espanha: Anthropos, 1988.

EVANS, P. Algumas implicações da obra de Vygotsky na Educação Especial. In: DANIELS, H. (org.) **Vygotsky em foco: pressupostos e desdobramentos**. Campinas, SP: Papirus, 1999, 4º ed., p.69-89.

FEJERMAN, N. et alli. Autismo Infantil y otros trastornos del desarrollo. Série Psicologia, **Psiquitría y Psicoterapia** n. 136. Bs. As.: Paidós, 1996, p.173-184.

FONSECA, V. da. **Educação Especial: programa de estimulação precoce**. Uma introdução as idéias de Feuerstein. Porto Alegre: ArtMed, 1995.

FONSECA, V. Tendências Futuras da Educação Inclusiva. IN: MOSQUERA, J.J. e STOBÄUS, C. D.(Orgs.). **Educação Especial: em direção à Educação Inclusiva**. Capítulo 4, p. 41-64. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003

GARTON, A. **Interação Social y desarrollo del lenguaje y la cognición**. Temas de educación. Barcelona: Paidós, 1994.

GOETZ, J. P. e LECOMPTE, M. **Etnografia y Diseño Cualitativo en Investigación Educativa**. Madri: Morata, 1988

GEERTZ, Clifford. **Nova luz sobre a antropologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

IANNI, Octavio. **A sociedade global**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

KOZINETS, Robert V. **What Can Anthropology Add to Marketing?**, 2002. Disponível em: <http://www.chicagogsb.edu/> .Acesso em 13 de abril de 2006.

_____, **The Field Behind the Screen: Using Netnography for Marketing Research in Online Communities**, 2002. Disponível em: <http://www.marketingpower.com/>. Acesso em 13 de abril de 2006.

LEMOS, André. **Anjos interativos e retribalização do mundo: sobre Interatividade e Interfaces Digitais**, 1997. Disponível em <http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/lemos/interativo.pdf>. Acesso em 09 abr. 2006.

LÉVY, Pierre. **As Tecnologias da Inteligência**. O futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro: 34, 1993. 208p.

LUDKE, M. e ANDRÉ, M. E. **Pesquisa em Educação**:. Abordagens Qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Os sentidos da integração e da inclusão, no contexto da inserção escolar de deficientes**. Em: Somos Diferentes - Revista Prática e Teoria, Ano I nº 5 Jul / Ago de 1997. Disponível na Internet: <http://www.aleph.com.br/diferent/5/>. Acesso em: 10 de abril de 2004

MARC, E. e PICARD, D. **A Interação Social**. Porto, Portugal: RÉS, 2000, p. 237

MARCHESI, A. e MARTIN, L. Da terminologia do distúrbio às necessidades educacionais especiais. IN: COLL, César; PALÁCIOS, Jesús e MARCHESI, Álvaro (Org.) **Desenvolvimento Psicológico e educação**: necessidades educativas especiais e aprendizagem escolar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. v.3, p. 7 - 23.

MONTARDO, Sandra Portella e ROCHA, Paula Jung. Netnografia. Incursões metodológicas na cibercultura. In: **E-compós**. Revista da Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Disponível em <http://www.e-compos.org.br>.

MORAN, José Manuel. **Mudanças na Comunicação Pessoal**. Gerenciamento Integrado da comunicação pessoal, social e tecnológica. São Paulo: Paulinas, 1998.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos. **Interações Sociais e Desenvolvimento : a perspectiva sociohistórica**. In: Cadernos CEDES Nº 35: Implicações Pedagógicas do Modelo Histórico Cultural. Campinas: Papirus, 1995. p51-64.

PASSERINO, L. e SANTAROSA, L. M. C. Uma visão Sócio-Histórica da Interação dentro de Ambientes Computacionais. **Atas do V Congresso Ibero-Americano de Informática na Educação RIBIE 2000**, 3-4 de dezembro de 2000, Viña del Mar, Chile. Disponível em <http://www.niee.ufrgs.br/eventos/eventos1.htm>

PASSERINO, L. Interaction Sociale dans l' Environnement telematiques d'aprentissage. In: **Actes du Colloque Constructivismes usages et perspectives en éducation**. Genève du 4 au 8 sept. 2000. Genève: Service de la Recherche em Éducation, 2001a.

PINTO, Marcos José. **Blogs!** Seja um editor na era digital. São Paulo: Érica, 2002.

PRIMO, Alex. Interção mútua e reativa: uma proposta de estudo. In: XXI Intercom, 1998, Recife. **Anais**. Recife: Intercom, 1998. Disponível em cd-rom.

PRIMO, Alex; CASSOL, Márcio. **Explorando o conceito de interatividade**: definições e taxonomias, 1999. Disponível em: <http://www.psico.ufrgs.br/~aprimo/pb/pgie.htm> . Acesso em 09 abr. 2006.

RECUERO, Raquel. **Weblogs, webrings e comunidades virtuais**, 2002. Disponível em <http://www.pontomidia.com.br>. Acesso em 09 abr. 2006.

SEESP - Secretaria de Educação Especial. **Educação para todos - EFA 2000**. Avaliação: Políticas e Programas governamentais em educação especial. 2000. Disponível na Internet <http://www.mec.gov.br>. Acesso em 03/05/2001.

SHITTINE, Denise. **Blog: Comunicação e escrita íntima na Internet**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

SIFRY, Dave. State of Blogosphere. Part I: On Blogosphere Growth. In: **New York Magazine**, 2006. Disponível em <http://www.nymagazine.com>. Acesso em 09 de abril de 2006.

SIMMEL, Georg. **Philosophie de l'argent**. Paris: Presses Universitaires de France, 1987.

_____. **Sociologia 1**. Estudios sobre las formas de socialización. Madrid: Alianza, 1977.

_____. **Sociologie. Études sur les formes de socialisation**. Paris: Presses Universitaires de France, 1999.

SMOLKA, A. L. B. O (im)próprio e o (im)pertinente na apropriação das práticas sociais. **Cadernos CEDES**, ano XX, n° 50, abril 2000.

STAINBACK, S. STAINBAK, W. **Inclusão: um guia para educadores**. Porto Alegre: ArtMed, 1996.

TARDIF, C. Etude des Interactions sociales dans l'autisme: micro-analyse des échanges dyadiques. In: 5° Congress Autisme-Europe, **Proceedings**. Barcelona: Espanha, 1996. Disponível na internet em <http://aut.tcai.es/scripts/articulo>

TOMASELLO, M. **Origens Culturais da Aquisição do Conhecimento Humano**. São Paulo: Martins Fontes, 2003 (Coleção Tópicos)

THOMPSON, Clive. The early years. In: **New York Magazine**, 2006. Disponível em <http://www.nymagazine.com>. Acesso em 09 de abril de 2006.

UNESCO. Relatório "Avaliação: Políticas e Programas Governamentais em Educação Especial no Brasil". - MEC, SEESP, 2000. Disponível em http://www.mec.gov.br/seesp/Ftp/educacao_para_todos_2000.doc. Acesso em 21/03/2002

VYGOTSKY, L. S **Formação Social da Mente**. 6° Edição.- São Paulo: Martins Fontes, 1998.

____. **Obras Escogidas**. Fundamentos de Defectologia. Tomo V. Madrid: Visor, 1997.

____. **A Construção do Pensamento e da Linguagem** (texto integral traduzido do russo). São Paulo: Martins Fontes, 2001.

WATZLAWICK, P et alli. **Pragmática da Comunicação Humana**. Um estudo dos padrões, patologias e paradoxos da interação. São Paulo: Editora Cultrix, 1967.

ZABALZA, M. **Diários de Aula: um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional**. Porto Alegre: ArtMed, 2004.

YIN, R. K. **Estudo de Caso:Planejamentos e Métodos.** Porto Alegre: Bookman, 2001